

### **Teatro de Sombras, técnicas e linguagem: à guisa de apresentação**

A Revista Móin-Móin N.9 tem como tema central o Teatro de Sombras. Essa é uma das mais antigas manifestações teatrais do Oriente, notadamente em países como Índia, Indonésia, Tailândia, Sri Lanka e China. Certamente por isso, durante muito tempo, tanto na Europa quanto no Brasil, o Teatro de Sombras foi conhecido como Sombras Chinesas.

O interesse por essa arte vem crescendo de modo significativo no Brasil nos últimos anos. Isso é possível confirmar quando se observa a existência de grupos dedicados a ela em diferentes Estados do país. Em São Paulo, os trabalhos da Companhia Quase Cinema, o Grupo Sombras e Lendas e a Companhia Fios de Sombra; em Curitiba, o Grupo Karagowzk; em Porto Alegre, a Companhia Lumbra Teatro de Animação exemplificam a trajetória de grupos que dedicam prioritariamente suas encenações ao Teatro de Sombras. Registra-se também quantidade expressiva de grupos que trabalham eventualmente com essa arte, seja montando um espetáculo para integrar seu repertório, seja incluindo cenas de sombras em suas montagens.

O que caracteriza a maioria desses trabalhos é o afastamento da estética realista-naturalista. De fato, a reprodução da realidade já não estimula os artistas que fazem Teatro de Sombras. Interessa a recriação do real e por isso se percebe o predomínio de três modalidades nos processos criativos: a sombra de silhuetas recortadas em diversos tipos de materiais; a sombra obtida com objetos tridimensionais; e as sombras corporais. É comum os grupos misturarem propositalmente essas modalidades.

É possível constatar que o Teatro de Sombras tem sido objeto de pesquisas em Programas de Pós-Graduação em Teatro em Universidades.<sup>1</sup> A produção de trabalhos acadêmicos sobre o tema interrompe a prática de referenciar pesquisas exclusivamente em estudos realizados fora do Brasil, com base em experiências distantes do nosso contexto.

Para o Estado de Santa Catarina esta edição da Revista Móin-Móin tem um sentido especial porque, além de diversos grupos locais trabalharem com essa forma de teatro, muitos professores de teatro e educação, no ensino básico, recorrem a essa linguagem em suas criações artísticas. Cabe destacar ainda que o Curso de Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC oferece em sua grade curricular uma disciplina obrigatória sobre Teatro de Sombras. Essa particularidade certamente contribui para a disseminação dessa linguagem teatral raramente praticada no Estado até os anos de 1990. Há ainda um fato curioso a ser mencionado. Segundo o historiador catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral, o primeiro evento teatral realizado em Florianópolis (antigamente denominada de Nossa Senhora do Desterro) foi uma apresentação dessa forma artística: “Em 1817, a 7 e 8 de abril, para comemorar a coroação de D. João VI, no Quartel dos Regimentos d’El Rei, houve

---

<sup>1</sup> Vale lembrar os estudos de Cássia Macieira (2001), na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Francisco Guilherme de Oliveira Junior (2010), na Universidade de Brasília - UnB; Emerson Cardoso Nascimento (2011) e Fabiana Lazzari de Oliveira (2011), na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

um ‘teatrinho de sombras’ [...] um teatrinho ricamente ornado e elegantemente pintado.”<sup>2</sup> Lamentavelmente, as informações são vagas e pouco se sabe além de que a representação foi idealizada pelo Dr. Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, o Juiz de Fora, por Diogo Duarte Silva e pelo Vice-Cônsul da Rússia, cujo nome o historiador não conseguiu identificar.

Os aspectos aqui apresentados já justificam uma edição da Revista Móin-Móin sobre Teatro de Sombras. No entanto, diversas dúvidas, perguntas, questionamentos motivaram a escolha do tema para a publicação do Número 9 da Revista: existem diferenças entre o espetáculo de teatro de sombras e o espetáculo de teatro com sombras? Por que a sombra é objeto de reflexão teórica e expressão artística desde tempos remotos em quase todas as civilizações? É a natureza fugidia e impalpável da sombra que faz com que ela seja associada aos aspectos negativos do ser humano ou da sua personalidade? Por que algumas práticas teatrais transformam o Teatro de Sombras em Teatro de Imagens? Que mudanças vêm acontecendo no modo de fazer Teatro de Sombras tanto em seus aspectos técnicos, quanto no modo de pensar conceitualmente esse teatro? As grandes tradições do Teatro de Sombras influenciam processos criativos contemporâneos? Quem é o ator no Teatro de Sombras? Existe saberes próprios dessa linguagem que o ator precisa dominar para praticar e criar no Teatro de Sombras?

Os textos reunidos nesta edição não pretendem responder pontualmente a cada uma das questões acima levantadas. No entanto, tocam de forma direta ou indireta nos temas, estimulando a reflexão sobre eles.

A revista abre com um importante escritor latino-americano, Eduardo Galeano, do Uruguai. Seu texto sintético, característica dos poetas, convida o leitor ao jogo, a brincar com a própria sombra; instiga a pensar sobre a vida. Ali está contido, seguramente, tudo o

---

<sup>2</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro – Memória 2*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979. Página 149.

que um diretor teatral gostaria que o ator soubesse sobre a sombra, e tudo o que o professor de teatro gostaria que seus estudantes aprendessem: a redescobrir a sombra.

Fabrizio Montecchi, da Itália, com base na sua trajetória como diretor do Teatro Gioco Vita, reflete sobre as principais mudanças que afetam as práticas do Teatro de Sombras contemporâneo. O texto analisa questões relativas à técnica, que quase sempre resulta em pesquisas formais, e alerta para a necessidade de se criar um *ethos* capaz de contribuir para a construção de uma identidade da linguagem do Teatro de Sombras.

O estudo da Professora Maryse Badiou, da Espanha, apresenta uma ampla reflexão sobre a sombra em diferentes culturas e tradições artísticas, como referência para se pensar a natureza da realidade e da apreensão do mundo. Teatro e ritual, sagrado, profano e religioso, são temas com os quais a autora conduz o leitor a compreender a sombra como manifestação artística que perpassa os tempos e, ainda hoje, é importante objeto de reflexão.

As grandes tradições do Teatro de Sombras estão contempladas em três textos que abordam essas manifestações na Índia, China e Turquia. Meher Contractor (1918 – 2006), da Índia, apresenta um claro mapa das diferentes formas com que o Teatro de Sombras é praticado em seu país, chamando a atenção para a diversidade de estilos, diferenças e procedimentos nas apresentações. Esse texto foi escrito no ano de 1982 e Meher, sabendo da inexistência de publicações sobre essa arte no Brasil, diversas vezes manifestou o desejo de vê-lo aqui publicado. Lamentavelmente ela não pode ver seu desejo concretizado, e o tempo não apagou a atualidade e rigor das suas reflexões.

O texto do Professor Metin And (1926 – 2008), da Turquia, é esclarecedor sobre os sentidos e funções do Teatro Karagoz para a sociedade turca. Seu estudo ajuda a desfazer a visão estereotipada de muitos ocidentais cujo olhar vê somente aspectos libidinosos e obscenidades nessa forma teatral.

Erica Lou, da China, colabora com um estudo no qual mostra

que o milenar Teatro de Sombras ainda é hoje praticado em quase todas as províncias do país. Demonstra que é uma tradição que se renova, e cada região o apresenta de formas diferentes.

O percurso de dois grupos de teatro do Brasil está contemplado com textos de seus diretores. Ronaldo Robles e Silvia Godoy, da Companhia Quase cinema, de São Paulo, e Alexandre Fávero, da Companhia Lumbrá Teatro de Animação, de Porto Alegre, refletem sobre o processo de criação de seus espetáculos. Chama a atenção como os grupos sistematizam um conjunto de procedimentos e saberes que se refletem no resultado artístico de seus espetáculos, o que reafirma o Grupo de Teatro como núcleo produtor e agregador de conhecimentos indispensáveis ao exercício da profissão. Ou seja, Grupo de Teatro também é local de formação profissional e artística.

A Revista reúne ainda, três textos pautados em recentes pesquisas efetuadas na UnB e na UDESC. O estudo de Francisco Guilherme de Oliveira explora a ideia de materialidade sob aspectos que incluem a qualidade expressiva dos materiais para a produção das silhuetas e imagens, e as relações da matéria com a imaginação.

Fabiana Lazzari de Oliveira analisa o trabalho do ator no Teatro de Sombras com ênfase em dois temas: sensação e percepção visual. O artigo aponta, com base na observação do trabalho do ator, um conjunto de aptidões e cuidados necessários para a atuação deste artista na cena.

Emerson Cardoso Nascimento analisa o trabalho realizado com um grupo de educadores, alguns dos quais nunca haviam visto Teatro de Sombras. As reflexões se baseiam na ideia de “experiência” segundo Jorge Larrosa Bondía que a define como “o que nos acontece, o que nos toca”. Seu texto é um convite a redescobrir a sombra e chama a atenção do leitor para que, diante das mudanças e do tempo acelerado da vida contemporânea, a “experiência” colabore para o estabelecimento de relações mais significativas entre os indivíduos, com os objetos e com o mundo.

A leitura desses artigos denota que essa arte certamente se transformou desde quando o “teatrinho ricamente ornado e

elegantemente pintado” se apresentou na Desterro, em 1817. A multiplicidade de facetas expostas pelo conjunto de textos nesta edição da Revista Móin-Móin certamente auxiliará o leitor a perceber a complexidade do Teatro de Sombras como linguagem teatral contemporânea. Ao mesmo tempo, nós, editores, acreditamos que estimulará a realização de novos estudos sobre o tema e contribuirá para aquecer o debate principalmente junto aos grupos que trabalham com o Teatro de Formas Animadas no Brasil.

Valmor Nini Beltrame  
UDESC

Gilmar A. Moretti  
SCAR